

UnB busca recuperar tempo perdido

■ O esforço da Universidade é para encontrar novas parcerias e acabar com a atual dependência de recursos públicos

Planejada com o espírito da renovação e da utopia de construir, em pouco tempo, um novo e moderno país, livre dos sistemas arcaicos em sua estrutura política, cultural e intelectual, o ideário da Universidade de Brasília não sobreviveu aos primeiros cinco anos. Fundada em 1962, já em 1967 a UnB sofreria um golpe fatal, que marcaria definitivamente seu destino: a invasão do campus universitário por tropas militares.



As primeiras greves estudantis contra o regime militar instaurado em 1964, dois anos, portanto, depois da criação da UnB, foram reprimidas com violência incomum. Para os generais que ocupavam os principais gabinetes na Praça dos Três Poderes, era inadmissível que, a três quilômetros de onde comandavam os destinos do país, os estudantes fizessem do campus um palco de manifestações hostis ao novo regime. A intolerância recomendava que se cortasse o mal pela raiz.

“A Universidade de Brasília nasceu sob o signo da autonomia plena, que a diferenciava das demais instituições de ensino superior no país. O clima e o ânimo eram de que seria possível pensar e construir um Brasil viável”, afirma o cineasta e professor da UnB, Vladimir de Carvalho. Ele não estava na UnB quando o campus foi invadido, mas foi figura de destaque nos anos cinzentos que se seguiram aos anos dourados da utopia idealizada por Darcy Ribeiro e abraçada por diversas personalidades da vida intelectual do país.

A professora de História e consultora da Reitoria, Geralda Dias, está preparando um livro sobre o tema e afirma que, ao contrário das demais universidades, a UnB foi planejada para ter completa autonomia, com liberdade para mo-

dificar currículos, criar novas formas de organização do ensino superior e, principalmente, liberdade para gerir seu próprio orçamento.

Golpe duro — A invasão do campus foi apenas o primeiro dos golpes contra a UnB. Em 1965, já estava claro para muitos professores que o projeto não tinha chances de prosperar. A Universidade começou a perder sua autonomia, prenúncio da reforma universitária que viria a ser implantada a partir de 1968. Essa perda de autonomia provocou a debandada dos professores que haviam aceitado vir para Brasília a fim de construir um novo modelo de ensino superior no país. Professores como os artistas plásticos Athos Bulcão e Glênio Bianchetti, o maestro Cláudio Santoro, o jornalista Pompeu de Souza e muitos outros deixaram a Universidade de Brasília.

A demissão em massa sepultaria de vez a idéia de uma Universidade como paradigma da renovação e modernidade do ensino. Hoje, quase 30 anos depois, Vladimir de Carvalho acha que a atitude dos professores, compreensível à época, acabou sendo um erro fatal.

“Até hoje estamos pagando o ônus desse erro, pois entregamos a Universidade aos nossos inimigos. Devíamos ter resistido, mas fomos abatidos pelo golpe militar”, lamenta o cineasta.

Agora, a UnB tenta encontrar seu rumo. O reitor João Cláudio Todorov, 52 anos, dos quais 30 dedicados à UnB, tomou posse há cinco meses e tem um projeto pragmático para a Universidade — muito distante das construções do pensamento utópico do início dos anos sessenta. A parceria com a iniciativa privada, acha ele, é o caminho para que a UnB alcance um grau de autonomia que possa viabilizar novos investimentos.

“Não adianta reclamar da crise”, afirma o reitor. Para sair do



Marcos Henrique

O Reitor João Cláudio Todorov tenta implantar um novo estilo de administração na UnB

marasmo, ele definiu alguns objetivos estratégicos, como busca de autonomia em relação ao Governo, cooperação com a iniciativa privada, melhoria da qualidade do ensino, planejamento acadêmico e inserção da UnB em níveis regional, nacional e internacional.

Os primeiros passos já revelam alguma ousadia. Foram firmados, entre outros, dois importantes convênios. O primeiro com a empresa Autocrat Comércio e Telecomunicações, do ex-piloto de Fórmula 1, Nelson Piquet. Por esse convênio, no valor de US\$ 18 milhões, a UnB terá acesso ao satélite Brasilsat, o que permitirá a instalação do Parque Tecnológico da Universidade. Em troca, a UnB prestará à empresa de Piquet os serviços de monitoramento por satélite de caminhões de carga em todo o Brasil, protegendo-os dos riscos de assaltos. O segundo convênio é com a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), com o objetivo de treinar pessoal na área de recursos humanos.



José Alberto/Macro

No campus, alunos e professores tentam hoje novas formas de atuação para melhorar a Universidade

Controle — “As receitas da UnB não estavam sendo administradas racionalmente. Agora estamos controlando até o uso do telefone, principalmente nos interurbanos. E estamos trabalhando agressivamente para buscar novas parcerias e reduzir nossa dependência dos recursos públicos”, afirma João Cláudio Todorov.

Mas o Reitor enfrenta o mesmo problema que vem minando a ad-

ministração pública. Os melhores quadros estão se aposentando, com receio de que mudanças constitucionais possam afetar os seus direitos. Esse comportamento é mais comum entre os profissionais mais novos, que têm melhores condições de encontrar alternativas no mercado de trabalho. Quem perde, claro, é o ensino.

Todorov não concorda com as críticas de que os professores estão

desmotivados e burocratizados. Para ele, o que faltam são oportunidades. A medida que surgem novas formas de atuação no campus e chances concretas de enfrentar os desafios e experiências, a reação é positiva. Reconhece, no entanto, que esse não é o comportamento geral. E exceções, segundo ele, existem em todas as atividades humanas.